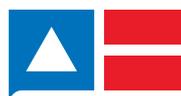


CADERNOS DE APOIO À APRENDIZAGEM

SOCIOLOGIA

Unidade 3 – versão – 11 junho 2021

3 ^A
SÉRIE



**GOVERNO
DO ESTADO**

SECRETARIA
DA EDUCAÇÃO

Governo da Bahia

Rui Costa | Governador

João Leão | Vice-Governador

Jerônimo Rodrigues Souza | Secretário da Educação

Danilo de Melo Souza | Subsecretário

Manuelita Falcão Brito | Superintendente de Políticas para a Educação Básica

Coordenação Geral

Manuelita Falcão Brito

Jurema Oliveira Brito

Leticia Machado dos Santos

Diretorias da Superintendência de Políticas para a Educação Básica

Diretoria de Currículo, Avaliação e Tecnologias Educacionais

Jurema Oliveira Brito

Diretoria de Educação e Suas Modalidades

Iara Martins Icó Sousa

Coordenações das Etapas e Modalidades da Educação Básica

Coordenação de Educação Infantil e Ensino Fundamental

Kátia Suely Paim Matheó

Coordenação de Ensino Médio

Renata Silva de Souza

Coordenação do Ensino Médio com Intermediação Tecnológica

Leticia Machado dos Santos

Coordenação da Educação do Campo e Escolar Quilombola

Poliana Nascimento dos Reis

Coordenação de Educação Escolar Indígena

José Carlos Batista Magalhães

Coordenação de Educação Especial

Marlene Santos Cardoso

Coordenação da Educação de Jovens e Adultos

Isadora Sampaio

Coordenação da Área de Ciências Humanas

Carlos Maurício Castro

Celeste Alves Santos

Renata Maria Oliveira e Silva Correia de Brito

Equipe de Elaboração

Adilma de Jesus Rodrigues • Ângelo Aparecido Soares Borges

• Antônio César Farias Menezes • Carlos Jerry das Neves

Bispo • Carlos Maurício Castro • Cláudia Regina de Barros •

Daniela Cerqueira Carvalho Nascimento • Denise Pereira Silva •

Elizabeth de Jesus Silva • Emerson Costa Farias • Fábio Batista

Pereira • Fátima Carmelo Balthazar da Silveira Lima • Gracione

Batista de Oliveira • Igor Santana Santos • Izis Pollyana Teixeira

Dias de Freitas • Jaqueline Pinto dos Santos Borroni • Juliana

Gabriela dos Santos Leal • Karla Santana Dos Santos Teixeira •

Lailton José Bispo dos Santos Junior • Lorena Rodrigues Vaz •

Luana Moura Quadros Carvalho • Luciene Santos de Almeida

• Luiz Arthur do Nascimento Rocha • Márcia Suely Oliveira

do Nascimento • Márcio Argôlo Queiroz • Margareth Rodrigues Coelho Vaz • Nallyne Celene Neves Pereira • Norma Suely Gama Couto • Otávio Silva Alvarenga • Oyama dos Santos Lopes • Pedro Anselmo de Siqueira São Thiago • Ramires Fonseca Silva • Renata Maria Alves Rebouças • Rodrigo Freitas Lopes • Rodrigo Silva Santos • Saulo Matias Dourado • Selma Reis Magalhães • Teotonilia Maria Batista da Silva

Equipe Educação Inclusiva

Marlene Cardoso

Ana Claudia Henrique Mattos

Daiane Sousa de Pina Silva

Edmeire Santos Costa

Gabriela Silva de Jesus

Nancy Araújo Bento

Cíntia Barbosa de Oliveira Bispo

Coordenação da Revisão

Ivonilde Espirito Santo de Andrade

Jurema Oliveira Brito

Leticia Machado dos Santos

Silvana Maria de Carvalho Pereira

Revisão de Conteúdo

Alécio de Andrade Souza • Ana Paula Silva Santos

• Carlos Antônio Neves Júnior • Carmelita Souza

Oliveira • Cláudia Celly Pessoa de Souza Acunã •

Claudio Marcelo Matos Guimarães • Edileuza Nunes

Simões Neris • Eliana Dias Guimarães • Gabriel Souza

Pereira • Helena Vieira Pabst • Helionete Santos da

Boa Morte • Helisângela Acris Borges de Araujo • Ivan

De Pinho Espinheira Filho • João Marciano de Souza

Neto • Jose Expedito de Jesus Junior • Jussara Santos

Silveira Ferraz • Kátia Souza de Lima Ramos • Leticia

Machado dos Santos • Márcia de Cácia Santos Mendes

• Márcio Argolo Queiroz • Mônica Moreira de Oliveira

Torres • Renata Silva de Souza • Roberto Cedraz de

Oliveira • Rogério da Silva Fonseca • Solange Alcântara

Neves da Rocha • Sônia Maria Cavalcanti Figueiredo

Revisão Ortográfica

Ivonilde Espirito Santo de Andrade

Ana Lúcia Cerqueira Ramos

Clisia Sousa da Costa

Elias dos Santos Barbosa

Elisângela das Neves Aguiar

Jussara Bispo dos Santos

Maria Augusta Cortial Chagas da Silva

Marisa Carreiro Faustino

Rosângela De Gino Bento

Roseli Gonçalves dos Santos

Tânia Regina Gonçalves do Vale

Solange Alcântara Neves da Rocha

Colaboradores

Edvânia Maria Barros Lima

Gabriel Souza Pereira

Gabriel Teixeira Guia

Jorge Luiz Lopes

José Raimundo dos Santos Neris

Shirley Conceição Silva da Costa

Silvana Maria de Carvalho Pereira

Projeto Gráfico e Diagramação

Bárbara Monteiro

À Comunidade Escolar,

A pandemia do coronavírus explicitou problemas e introduziu desafios para a educação pública, mas apresentou também possibilidades de inovação. Reconnectou-nos com a potência do trabalho em rede, não apenas das redes sociais e das tecnologias digitais, mas, sobretudo, desse tanto de gente corajosa e criativa que existe ao lado da evolução da educação baiana.

Neste contexto, é com satisfação que a Secretaria de Educação da Bahia disponibiliza para a comunidade educacional **os Cadernos de Apoio à Aprendizagem**, um material pedagógico elaborado por dezenas de professoras e professores da rede estadual durante o período de suspensão das aulas. Os Cadernos são uma parte importante da estratégia de retomada das atividades letivas, que facilitam a conciliação dos tempos e espaços, articulados a outras ações pedagógicas destinadas a apoiar docentes e estudantes.

Assegurar uma educação pública de qualidade social nunca foi uma missão simples, mas, nesta quadra da história, ela passou a ser ainda mais ousada. Pois, além de superarmos essa crise, precisamos fazê-la sem comprometer essa geração, cujas vidas e rotinas foram subitamente alteradas, às vezes, de forma dolorosa. E só conseguiremos fazer isso se trabalharmos juntos, de forma colaborativa, em redes de pessoas que acolhem, cuidam, participam e constroem juntas o hoje e o amanhã.

Assim, desejamos que este material seja útil na condução do trabalho pedagógico e que sirva de inspiração para outras produções. Neste sentido, ao tempo em que agradecemos a todos/as que ajudaram a construir este volume, convidamos educadores e educadoras a desenvolverem novos materiais, em diferentes mídias, a partir dos Cadernos de Apoio, contemplando os contextos territoriais de cada canto deste “país” chamado Bahia.

Saudações educacionais!

Jerônimo Rodrigues



UNIDADE

3

Avanços e retrocessos rumo a uma sociedade sustentável



Objetos de Conhecimento:

1. Avanços e retrocessos rumo a uma sociedade sustentável. 2. Os impactos ambientais sobre os modos de vida dos povos indígenas. 3. A questão ambiental e a justiça: direitos e deveres. 4. Os impactos ambientais sobre os modos de vida dos quilombolas. 5. A questão ambiental e a justiça: direitos e deveres.

Competência(s):

1. Analisar e avaliar criticamente as relações de diferentes grupos, povos e sociedades com a natureza (produção, distribuição e consumo) e seus impactos econômicos e socioambientais, com vistas à proposição de alternativas que respeitem e promovam a consciência, a ética socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional, nacional e global.
2. Reconhecer e combater as diversas formas de desigualdade e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos.
3. Participar do debate público de forma crítica, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

Habilidades:

1. (EM13CHS305) Analisar e discutir o papel dos organismos nacionais de regulação, controle e fiscalização ambiental e dos acordos internacionais para a promoção e a garantia de práticas ambientais sustentáveis.
2. (EM13CHS306) Contextualizar, comparar e avaliar os impactos de diferentes modelos econômicos no uso dos recursos naturais e na promoção da sustentabilidade econômica e socioambiental do planeta.

TEMA: Avanços e retrocessos rumo a uma sociedade sustentável

Objetivos de Aprendizagem: Analisar o contexto histórico da problemática ambiental. Analisar a atuação dos órgãos ambientais nacionais para a proteção do meio ambiente. Compreender o posicionamento dos órgãos ambientais internacionais para a proteção. Investigar a atuação dos órgãos ambientais municipais para a proteção do meio ambiente.

Semana	Aula	Atividade
1	1	Pesquisar e apresentar em seminários os acordos ambientais, como a Convenção sobre Mudanças Climáticas, Convenção sobre Diversidade Biológica e Convenção de Combate à Desertificação.
	2	Pesquisar sobre a existência de órgãos e conselhos municipais, fazer levantamento de suas ações. Avaliar a gestão ambiental local.
2	3	Avaliar a relação entre os interesses pela proteção ambiental aos propósitos do capitalismo global.
	4	Debate de júri simulado sobre fases históricas de Regulação Internacional do Meio Ambiente no Brasil.

TEMA: Os impactos ambientais sobre os modos de vida dos povos indígenas

Objetivos de Aprendizagem: Situar os povos indígenas no processo de inclusão /exclusão do desenvolvimento nacional. Questionar o espaços Indígenas dos brasileiros e a participação nas políticas públicas e nos órgãos institucionais. Avaliar os principais conflitos envolvendo a expansão do capital X territórios indígenas. Pensar nas estratégias de superação das contradições.

Semana	Aula	Atividade
3	5	Apresentar de maneira crítica a representação indígena no Brasil a partir dos vídeos.
	6	Pesquisar sobre a FUNAI, suas origens e participação atual no diálogo com as comunidades indígenas no Brasil.
4	7	Pesquisar os índices de exploração nas áreas protegidas em terras indígenas, atualmente, pelo garimpo, agronegócio e extração de madeiras.
	8	Pesquisar sobre a forma de organização entre etnias no acampamento terra livre e destacar as principais pautas.

TEMA: Os impactos ambientais sobre os modos de vida dos povos quilombolas

Objetivos de Aprendizagem: Analisar o manejo da natureza pelas comunidades quilombolas. Compreender a interferência de políticas públicas sobre a definição de territorialidade. Avaliar os principais conflitos envolvendo a expansão do capital X territórios quilombolas. Compreender através de um estudo de caso a situação dos quilombolas na Bahia.

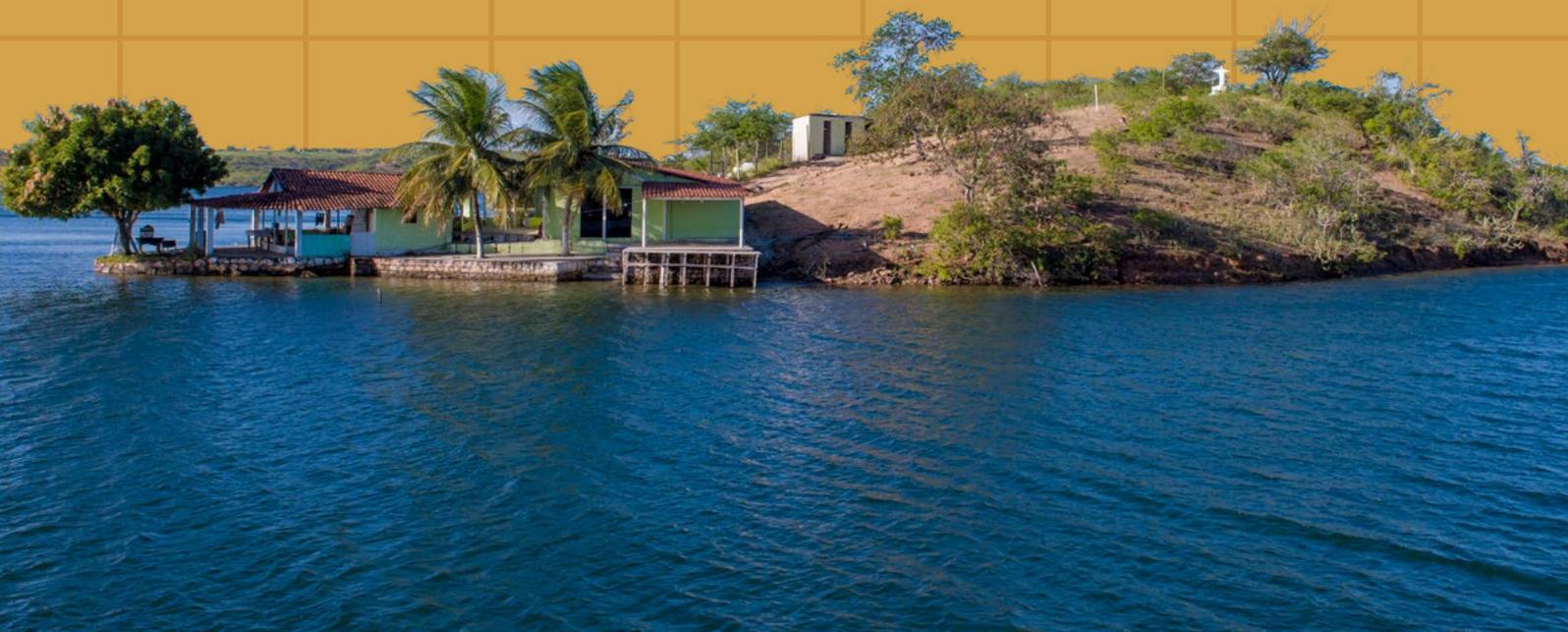
Semana	Aula	Atividade
--------	------	-----------

5	9	Fazer levantamento sobre o modo de vida das comunidades quilombolas e debater de maneira crítica os conflitos de terras existentes nessas comunidades.
	10	Pesquisar sobre o Artigo 68 da Constituição Federal, os Decretos: 3912/01, 4887/03, 6040 e fazer um levantamento em seu território de identidade sobre as comunidades que possuem certificação, as que não possuem certificação e analisar as razões da não certificação.
6	11	Pesquisar os conflitos existentes em terras quilombolas, destacando os envolvidos e analise as suas ações e interesses.
	12	Escolha uma comunidade quilombola que tenha tido impacto no ambiente e apresente um seminário.

TEMA: A questão ambiental e a justiça: direitos e deveres

Objetivos de Aprendizagem: Compreender a questão da justiça ambiental como instrumento de cidadania. Pensar estratégias individuais e coletivas para solucionar problemas ambientais locais. Compreender as consequências da desigualdade nas ações públicas e do cotidiano. Analisar teorias dos movimentos contemporâneos de justiça ambiental.

Semana	Aula	Atividade
7	13	Faça um levantamento entre os colegas sobre o papel de cada um na proteção, manutenção do meio ambiente. Proponham atitudes de consciência ambiental para o cotidiano na escola, rua onde mora ou em casa.
	14	Criar cartilhas de conscientização que alertem a geração atual sobre os cuidados e dilemas ambientais iminentes
8	15	Observar e relatar as questões sanitárias, alimentares e ambientais que atingem diretamente a comunidade escolar.
	16	
9	17	Construir um seminário que traga ao debate os movimentos ambientais contemporâneos e suas áreas de atuação.





1. PONTO DE ENCONTRO

Olá, trilheiro/a seja bem-vindo/a! Espero que você, sua família e amigos estejam bem, diante desse momento tão conturbado e pandêmico. Estamos iniciando nossa caminhada rumo aos meandros do **meio ambiente e a sustentabilidade**, e logo concluiremos o ciclo do Ensino Médio, e você estará mais preparado/a para seguir em novas buscas com outras parcerias educacionais. Sabemos que a trilha na perspectiva da Sociologia ajudou você a ser mais cidadão/ã. Você já entendeu que caminhar nas trilhas da aprendizagem exige desejo por conhecimento, vontade de crescer, e isso não pode acabar nunca.

Vamos trilhar, mas antes precisamos conferir a bagagem e nos certificarmos de que não esquecemos nada.

Diário de bordo, caneta nas mãos e muita curiosidade. Tudo ok? Então vamos lá!

2. BOTANDO O PÉ NA ESTRADA

Nessa trilha vamos refletir sobre as transformações no meio ambiente advindas do modelo de desenvolvimento adotado a partir da idade moderna, os avanços e retrocessos rumo a uma sociedade sustentável.

Você já parou para pensar que, em geral, a sociedade humana, principalmente os povos de cultura ocidental, esqueceu que fazemos parte do meio

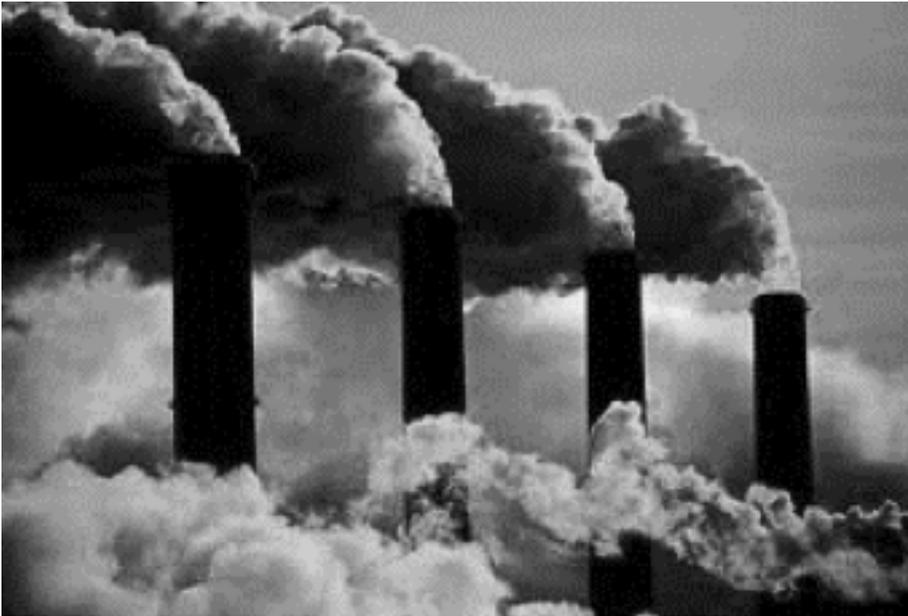


Figura 1

Protocolo de Kyoto.. Disponível em: <http://geoconceicao.blogspot.com/2012/04/protocolo-de-kyoto.html> Acesso em: 13 jan.2021

ambiente? As trilhas dessa unidade nos levarão às questões sociais, econômicas e jurídicas relacionadas ao modelo de desenvolvimento escolhido pela sociedade capitalista e o meio ambiente. Como cidadão/a você tem acompanhado as discussões e inquietações sobre o meio ambiente, vê em jornais, nos livros, em documentários e redes sociais, sabe da existência de movimentos sociais em defesa do meio ambiente, enfim, cada vez mais a sociedade está sendo convocada para assumir a responsabilidade sobre o uso dos recursos naturais. Somos chamados a mudar de hábito e esperamos ações concretas dos órgãos governamentais em defesa do planeta. É muito lenta a mudança de postura de empresas. Não sei se você já pensou nisso. A cultura ocidental, a qual fazemos parte, nos motiva ao individualismo e ao consumo, mas sabemos que nossas ações interferem no coletivo. Você é um aluno do Ensino Médio, mas no futuro poderá ser um gestor público ou um empresário, caberá a você, diretamente decidir sobre a vida de outras pessoas e sobre o meio ambiente. Como cidadão/ã consciente certamente fará o melhor para o mundo. Pois, bem! Nessa trilha vamos caminhar e observar tudo. No caminho você pode dar sugestões. E é claro, todo esse trajeto, faremos juntos/as.

Fonte: RODRIGUES, Adilma de Jesus. SEC/BA, 2021.

3. LENDO AS PAISAGENS DA TRILHA

Figura 1



Disponível em: https://www.google.com/search?q=cupula+dos+povos&client=firefox-b-d&tbm=isch&source=iu&ictx=1&fir=r490mV-NEfs3NnM%252C5Gm6lypzkmPn7M%-252C%252Fg%252F11_p50zmd&vet=1&us-g=AI4_-kTlnatam2ls26iY-nhYJpsxxImD8Q&sa=X&ved=2ahUKEwibubrikMPwAhXAr5UCHTEZ-DXMQ_B16BAgbEAE#imgsrc=r490mVNEfs3NnM
Acesso em: 13 jan. 2021

Figura 3



Disponível em: <https://www.novvaaprimatic.com.br/blog/sustentabilidade-ambiental/>
Acesso em: 13 jan. 2021.

Figura 4



Disponível em: <https://www.comciencia.br/o-que-e-agenda-2030-das-nacoes-unidas-e-quais-sao-os-objetivos-de-desenvolvimento-sustentavel/>
Acesso em: 16 jan.2021

- 1 Após analisar as imagens 3, 4 e 5, qual a relação que existe entre elas.
- 2 Pesquise sobre o protocolo de Kyoto e diga qual o seu objetivo.
- 3 Qual a mensagem que a figura 3 expressa?

4. EXPLORANDO A TRILHA

Hoje é comum ouvirmos falar sobre meio ambiente e sustentabilidade, mas será que sempre foi assim? Será que só falar surte efeito? É curioso que quando falamos sobre o meio ambiente relacionamos a elementos da natureza, mas não incluímos o ser humano como parte dele. Quantas vezes você pensou assim? Calma, não se culpe, sabemos que é um erro inestimável, mas talvez você tenha aprendido assim e precisa desaprender. Vamos lembrar que baseado nas ações e modelos de manejo que têm sido empregados nas explorações dos recursos naturais, desde o início da idade moderna e, intensificado depois da Segunda Guerra Mundial, pelos países ocidentais representados pela Europa e América do Norte, parece que esse detalhe foi esquecido, por convicção.

RECURSOS INESGOTÁVEIS?

Você vai concordar comigo que a ideia de recursos naturais inesgotáveis indica uma crença de que as possibilidades de riqueza são infinitáveis, mas cientistas já alertaram que não são. O planeta e a vida nele correm perigo. A visão da Natureza apenas como valor de troca faz parte do entendimento de que o ser humano é superior a ela. Mas, a Sociologia entende que o meio ambiente é formado pelo ser humano na relação com o meio mineral, vegetal e animal, considerando as diversidades culturais e a maneira empregada para atender as necessidades dos indivíduos. Logo, a maneira de ver como a Natureza pode atender as necessidades humanas, depende da interpretação das múltiplas culturas. Na contemporaneidade e, especificamente, na cultura ocidental, identificamos duas formas controversas de perceber o meio ambiente; a primeira está relacionada ao entendimento sobre as necessidades do desenvolvimento voltadas apenas aos países capitalistas centrais. A segunda, entende que o crescimento econômico deve ser sustentável dando possibilidade a todos os países, sendo uma condição necessária e suficiente para a inclusão social, considerando que os recursos podem ser utilizados, no entanto, que os seres humanos não os utilizem de qualquer forma, porque põe em risco a sua própria existência.



O PAPEL DAS ORGANIZAÇÕES INTERNACIONAIS

A jornada pela conciliação entre as ideias de meio ambiente versus crescimento econômico, conflitam entre temas como, problema do emprego, desigualdade social, estímulo às inovações tecnológicas, negação do aquecimento global, consumo que se contrapõe ao discurso da preservação, conservação da Natureza, desenvolvimento sustentável e o desenvolvimento no futuro. Em razão das diferentes percepções, muitas discussões em âmbito internacional têm sido realizadas envolvendo países do mundo todo e exigindo dos países centrais novas condutas no manejo com a Natureza e responsabilidades sobre os danos causados ao planeta em nível de poluição e devastação ambiental. Por conta disso, a ONU se posicionou em favor do diálogo entre os países. Em 1972, na capital da Suécia, pela primeira vez, dirigentes do mundo inteiro se reuniram para falar sobre o meio ambiente na 1ª Conferência das Nações Unidas para o desenvolvimento Humano, também conhecida como Conferência de Estocolmo. Seu objetivo foi alertar sobre as consequências da degradação do meio ambiente, mostrar que os recursos naturais não eram inesgotáveis e que o planeta estava passando por mudanças, consequência das ações humanas, provocando mudanças climáticas, risco com água; desastres naturais dentre outras e propor as bases do desenvolvimento sustentável. Discutiu sobre políticas de desenvolvimento humano e a busca por uma visão comum de preservação dos recursos naturais. Muitos países se comprometeram a contribuir.

- 1 Desafio: Proponho que você pesquise o posicionamento do Brasil nessa ocasião. Esse período correspondia aqui no Brasil ao chamado “Milagre Econômico”.

Em 1992, A ONU promoveu a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento – CNURMA conhecida como a **ECO 92 e Rio 92**, na ocasião foram cobradas as responsabilidades dos países desenvolvidos na redução dos impactos ambientais e preservação dos ecossistemas do planeta.

Em 1997 a construção do Protocolo de Kyoto, tratado internacional para redução da emissão de gases que provocam o efeito estufa. Em 2005, as metas do tratado de Kyoto foram iniciadas pelos países desenvolvidos para redução dos gases de efeito estufa.

2 Desafio: O que você acha? Houve redução dos gases? Pesquise sobre isso.

Em 2002, na África do Sul a Rio+10, conhecida como Cúpula Mundial sobre o Desenvolvimento Sustentável, foi elaborada a Agenda 21, programa pioneiro de ação internacional para a cooperação na busca de soluções de problemas ambientais e criação de modelos de desenvolvimento sustentável. Em 2008, em Bangcoc, na Tailândia, foi discutida a divisão de responsabilidades e definição de quem iria pagar a conta dos esforços necessários para atenuar a mudança climática sobre o planeta e os seres vivos.

Em 2012, foi realizada a Rio+20 para avaliar os avanços e dificuldades da conferência anterior. Durante essa conferência, a sociedade civil se manifestou em vários movimentos sociais que ficaram conhecidos por Cúpula dos Povos. Reivindicavam a atenção e inclusão das populações tradicionais e considerações sobre a sociedade civil. Em 2015, foi realizada em Paris a 21ª Conferência das Partes da Convenção das Nações Unidas sobre Mudanças no Clima – COP 21. O objetivo era alinhar acordo de redução da emissão de gases de efeito estufa e diminuir a temperatura do planeta.

No Brasil, o cumprimento das metas estabelecidas em favor do meio ambiente são confiados a órgãos institucionais como o Sistema Nacional do Meio Ambiente-SISNAMA, (Artigo 6º, da Lei nº 6398/81), se constitui na estrutura máxima de gestão ambiental no Brasil, é formado por órgãos da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios; o Conselho de Governo (Órgão Superior); o Conselho Nacional do Meio Ambiente – CONAMA; o Instituto Nacional do Meio



Ambiente e Recursos Renováveis – IBAMA; o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade – ICMBIO; órgãos Colegiados; órgãos Seccionais; órgãos locais para cada município.

Fonte: RODRIGUES, Adilma de Jesus. SEC/BA, 2021.

3 Desafio: E aí no seu município, como os órgãos funcionam?

5. RESOLVENDO OS DESAFIOS DA TRILHA

1 Para a Sociologia o “**Meio ambiente** corresponde não só ao **meio** físico e biológico, mas também ao **meio** sociocultural e sua relação com os modelos de desenvolvimento adotados pelo homem”. Qual a relação existente entre esse conceito e as queimadas que aconteceram na região amazônica em 19 de agosto de 2019, que assustou os moradores de São Paulo com o final da tarde que escureceu grande parte da cidade?

2 A poluição e outras ofensas ambientais ainda não tinham esse nome, mas já eram largamente notadas no século XIX, nas grandes cidades inglesas e continentais. E a própria chegada ao campo das estradas de ferro suscitou protestos. A reação antimquinista, protagonizada pelos diversos luddismos, antecipa a batalha atual dos ambientalistas. Esse era, então, o combate social contra os miasmas urbanos. Comente!

SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: EDUSP, 2002 (adaptado).

3 O crescente desenvolvimento técnico-produtivo impõe modificações na paisagem e nos objetos culturais vivenciados pelas sociedades. De acordo com o texto, pode-se dizer que tais movimentos sociais emergiram e se expressaram por

- a) meio das ideologias conservacionistas, com milhares de adeptos no meio urbano.
- b) das políticas governamentais de preservação dos objetos naturais e culturais.
- c) das teorias sobre a necessidade de harmonização entre técnica e natureza.
- d) dos boicotes aos produtos das empresas exploradoras e poluentes.
- e) da contestação à degradação do trabalho, das tradições e da natureza.

Disponível em: <https://www.qconcursos.com/questoes-do-enem/disciplinas/ciencias-sociais-sociologia/meio-ambiente-e-sociedade/questoes>. Acesso em: 14 jan.2021.

6. A TRILHA É SUA: COLOQUE A MÃO NA MASSA

Estimule o artista que há dentro de você e produza um artesanato, de sua livre escolha, com a utilização de papel consumido em sua casa, como forma de defender a sustentabilidade e contribuir com o desenvolvimento sustentável.

DICA: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=i1hf92GHqn4>
Acesso em: 13 jan.2021

7. A TRILHA DA MINHA VIDA

Aprofunde os seus conhecimentos sobre sustentabilidade e desenvolvimento sustentável, e observe se são praticados em seu bairro/comunidade. Manifeste a sua opinião através de uma paródia musical, e compartilhe com os colegas.

8. PROPOSTA DE INTERVENÇÃO SOCIAL

Você deverá pensar em uma proposta de intervenção, na escola ou em sua comunidade, com o objetivo de atender metas de sustentabilidade e meio ambiente. Pode começar com a organização de um debate com colegas, mas que o produto do debate seja uma postagem nas redes sociais, um cordel, um rap, um jogral ou qualquer outra forma de comunicação criativa.

9. AUTOAVALIAÇÃO

É hora de você voltar a atenção para o seu **diário de bordo**. Avalie como foi o seu percurso na trilha. As observações que fez irão ajudar você a construir o seu próprio resumo e um mapa mental para fixar a aprendizagem. Lembre-se que ter conhecimento é a melhor forma para você se ajudar e mudar o rumo de sua própria história.

Tudo de bom para você! Fique bem e se cuide!





1. PONTO DE ENCONTRO

Seja bem-vindo/a de volta à nossa trilha do conhecimento! Tem sido incrível passear por tantos temas interessantes que falam do nosso dia a dia e da convivência com outros em sociedade, nessa trilha vamos conhecer um pouco sobre o **meio ambiente e os impactos derivados do desenvolvimento da civilização humana**. Conforme avançamos, você aprimora suas habilidades de investigação social e levantamos novos questionamentos que podem sempre ser trocados com os demais colegas de turma. Lembre-se que seu educador é seu parceiro de confiança neste processo! Anote suas dúvidas e ideias para compartilhar em sala de aula, assim que possível, e desenvolver os saberes que você já possui. Relembrando nossos itens de costume? **Diário de bordo**, caneta nas mãos e vontade de conhecer! Prontos? Aqui vamos nós!

2. BOTANDO O PÉ NA ESTRADA

Sigamos com o tema da nossa unidade que traz para a gente os debates sobre o meio ambiente e os impactos derivados do desenvolvimento da civilização humana através do tempo. Para aquecer nosso pensamento, tente anotar ou refletir sobre as ideias que surgem na sua cabeça quando digo a você as seguintes palavras: natureza, matas, ecossistema, recursos naturais, território, indígenas, cultura.

Tenho certeza que muitas coisas interessantes você já sabe sobre esses temas e outras ainda estão por aprender ou questionar... Por exemplo, você se sente distante disso que chamamos de natureza? Como os recursos

naturais estão presentes em nossa vida? Quantas pessoas indígenas você conhece? Vamos por partes, certo!

3. LENDO AS PAISAGENS DA TRILHA

Quero que você agora atente às imagens (Figuras 1, 2 3 e 4) e pense o que elas dizem sobre os habitantes originais das terras brasileiras:

Tabela 1

População indígena com indicação das 15 etnias com maior número de indígenas, por localização do domicílio - Brasil - 2010

Número de ordem	Total		Nas Terras Indígenas		Fora das Terras Indígenas	
	Nome da etnia	População	Nome da etnia	População	Nome da etnia	População
1	Tikúna	46 045	Tikúna	39 349	Terena	9 626
2	Guarani Kaiowá	43 401	Guarani Kaiowá	35 276	Baré	9 016
3	Kaingang	37 470	Kaingang	31 814	Guarani Kaiowá	8 125
4	Makuxí	28 912	Makuxí	22 568	Mira	7 769
5	Terena	28 845	Yanomámi	20 604	Guarani	6 937
6	Tenetejara	24 428	Tenetejara	19 955	Tikúna	6 696
7	Yanomámi	21 982	Terena	19 219	Pataxó	6 381
8	Potiguara	20 554	Xavante	15 953	Makuxí	6 344
9	Xavante	19 259	Potiguara	15 240	Kokama	5 976
10	Pataxó	13 588	Sateré-Mawé	11 060	Tupinambá	5 715
11	Sateré-Mawé	13 310	Mundurukú	8 845	Kaingang	5 656
12	Mundurukú	13 103	Kayapó	8 580	Potiguara	5 314
13	Mira	12 479	Wapixana	8 133	Xucuru	4 963
14	Xucuru	12 471	Xacriabá	7 760	Tenetejara	4 473
15	Baré	11 990	Xucuru	7 508	Atikum	4 273

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

Disponível em: <http://www.funai.gov.br/index.php/comunicacao/noticias/1757-ibge-divulga-resultado-do-censo-2010-sobre-populacao-indigena?start=3> Acesso em: 15 jan. 2021.

Figura 2



Disponível em: <https://brasil.elpais.com/opiniao/2020-05-26/na-amazonia-sem-lei-nem-ordem.html> Acesso em: 15 jan. 2021.

Figura 3



Disponível em: <https://amazoniareal.com.br/amazonia-em-chamas-20-xingu-e-o-territorio-indigena-com-mais-focos-de-queimadas-no-brasil-18-09-2020/>
Acesso em: 15 jan. 2021.

4. EXPLORANDO A TRILHA

Leia o texto a seguir.

Texto 1 – Natureza versus cultura?

Figura 4



Disponível em: <https://amazon-violence.amnesty.org/en/>
Acesso em: 11 jun. 2021.

Falamos até aqui sobre o nosso lugar neste mundo, ou seja, a posição que nós, seres humanos, ocupamos em meio a tantas outras espécies, ecossistemas e fenômenos terrestres. Todo o conjunto de elementos que compõem este cenário global pode ser entendido como naturais, inclusive a matéria da qual somos biolo-

gicamente feitos. No entanto, como vimos na última trilha, a partir do advento da modernidade fomos através dos séculos nos distanciando daquilo que chamávamos de 'meio ambiente' ao nos depararmos com cidades cada vez mais sintéticas e que excluem do seu interior os sistemas ditos 'naturais', ao passo que o verde das matas foi sendo substituído pelo cinza do concreto. O avanço das ciências e o desenvolvimento de novas tecnologias fizeram com que o ser humano determinasse seu antropocentrismo, colocando as relações humanas e seus produtos acima de qualquer outra coisa neste planeta.

Exploração Colonial

Porém, tal história não aconteceu de forma a incluir todos os grupos humanos nesse ideal de 'progresso'. Como você já observou durante seus estudos, a humanidade foi marcada por uma era de colonizações intercontinentais que deixou uma divisão profunda entre povos que se consideravam superiores a outros e, sendo assim, justificavam sua invasão, dominação e apagamento de sua identidade para ser substituída por uma cultura centrada em pilares europeus. A partir disso, inúmeras organizações sociais milenares foram sendo diminuídas e desconstruídas forçosamente enquanto países imperialistas extraíam recursos minerais, vegetais e culturais através da força de trabalho escrava e estabeleciam seu poder dominante em colônias por todas as Américas, África e Ásia.

Somente no território que hoje conhecemos como Brasil, estima-se que cerca de cinco milhões de pessoas já o habitavam antes da invasão portuguesa, a partir do século XV. Estes povos eram múltiplos, distribuídos por toda a faixa continental, estabelecendo relações de aliança e interação bem como de guerras e disputas entre aldeias. Uma diversidade cultural riquíssima prevalecia e muitas línguas diferentes eram faladas, trazendo aprendizados, trocas e circulação de saberes a partir do contato com grupos nômades e outros fixados em regiões específicas do litoral, das montanhas,

planícies e matas densas, por exemplo. Os grupos sedentários já estabeleciam uma relação de simbiose com o ecossistema que os rodeava, praticando agricultura, pesca, e extrativismo das espécies de plantas que em cada local eram mais presentes. Em uma escala menor e a partir de uma lógica de consumo diferente da nossa, era retirado somente o necessário para suprir as necessidades da comunidade sem afetar a estrutura do ambiente onde estavam.

E como ficam os povos indígenas?

Apesar de séculos de exploração, e em muitos casos de extinção total, estes povos originários resistiram e permanecem lutando por seu direito às terras onde sempre habitaram. Os indígenas contemporâneos mantêm sua identidade através da cultura ancestral, mas também negociam e incorporam elementos da sociedade urbana ocidental ao transitarem entre as aldeias de origem e as cidades. No último censo demográfico realizado no Brasil em 2010, foram contabilizadas 274 línguas indígenas faladas, demonstrando uma parte da imensa pluralidade étnica que constituía o território pré-colombiano. Contudo, dado o vínculo essencial entre culturas autóctones (ou seja, que é natural da região em que habita e descende das etnias que ali sempre viveram) e os recursos originais da terra onde habitam, as invasões e explorações constantes sobre florestas, rios, mangues e oceanos, por exemplo, representam um impacto gigantesco na sobrevivência destes povos.

As atividades mais presentes são as queimadas, a extração ilegal de madeiras e o garimpo, muitas vezes justificadas pelos invasores como forma de garantir recursos materiais para o desenvolvimento econômico e industrial do país. As queimadas por exemplo são executadas ilegalmente por muitos latifundiários e fazendeiros que buscam criar área de pasto para a produção de gado. As madeiras mais nobres vêm da derrubada de árvores centenárias e muitas vezes são exportadas como itens de luxo para fora do país. O garimpo trabalha na extração incessante de minérios em terras próximas às fontes e correntes de água doce, poluindo com dejetos

tóxicos a água que é usada pelas comunidades ao redor para banho, lavagem de roupas, nado e inclusive ingestão. Em nome do crescimento do mercado, muitos criminosos desrespeitam a demarcação prevista em lei das terras indígenas para executarem esses atos insustentáveis e de grande perturbação nos ecossistemas locais.

Fonte: ALVARENGA, Otávio Silva. SEC/BA, 2021. Disponível em: <https://apiboficial.org/sobre/> Acesso em: 15 jan. 2021.

O processo de demarcação

A FUNAI (Fundação Nacional do Índio) foi criada em 1967 após a extinção do Serviço de Proteção ao Índio, um órgão público criado em 1910 que prestava assistência aos povos indígenas no Brasil e que se envolveu em diversas polêmicas e acusações de corrupção, genocídio e ineficiência. A criação da FUNAI ocorreu no período da Ditadura Militar que visava expandir-se política e economicamente para o interior do país. Isso fez com que as políticas indigenistas ficassem às sombras dos planos do governo, como construção de estradas, hidrelétricas, expansão das fazendas e da mineração. Nesse período muitos índios sofreram com a violação de seus direitos.

Foi a partir da criação do **Estatuto do Índio**, que regularizou a situação jurídica dos índios, e do regime democrático instaurado, durante a década de 80, que surgiram avanços. A democratização possibilitou o incentivo às discussões pelas próprias comunidades indígenas.

Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/fundacao-nacional-Indio-funai.htm> Acesso em: 15 jan. 2021.

No Brasil, a FUNAI atua também para garantir o que preconiza o artigo 231 da Constituição Federal que diz:

“São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os **direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam**, competindo à União **demarcá-las**, proteger e fazer respeitar todos os seus bens”.



Resistência e esperança

A Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB) foi criada pelo movimento indígena no Acampamento Terra Livre de 2005. O Acampamento é sua mobilização nacional, realizada todo ano, a partir de 2004, para tornar visível a situação dos direitos indígenas e reivindicar do Estado Brasileiro o atendimento das suas demandas e reivindicações. A APIB é uma instância de referência nacional do movimento indígena no Brasil, criada de baixo para cima. Ela aglutina as organizações regionais indígenas e nasceu com o propósito de fortalecer a união de seus povos, a articulação entre as diferentes regiões e organizações indígenas do país, além de mobilizar os povos e organizações indígenas contra as ameaças e agressões aos direitos indígenas.

ALVARENGA, Otávio Silva. SEC/BA, 2021. Disponível em: <https://apiboficial.org/sobre/> Acesso em: 15 jan. 2021.

5. RESOLVENDO OS DESAFIOS DA TRILHA

1 (Enem) Coube aos Xavante e aos Timbira, povos indígenas do Cerrado, um recente e marcante gesto simbólico: a realização de sua tradicional corrida de toras (de buriti) em plena Avenida Paulista (SP), para denunciar o cerco de suas terras e a degradação de seus entornos pelo avanço do agronegócio.

RICARDO, B.; RICARDO, F. **Povos indígenas do Brasil: 2001- 2005**. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2006 (adaptado).

A questão indígena contemporânea no Brasil evidencia a relação dos usos socioculturais da terra com os atuais problemas socioambientais, caracterizados pelas tensões entre:

- a) a expansão territorial do agronegócio, em especial nas regiões Centro-Oeste e Norte, e as leis de proteção indígena e ambiental.

- b) os grileiros articuladores do agronegócio e os povos indígenas pouco organizados no Cerrado.
- c) as leis mais brandas sobre o uso tradicional do meio ambiente e as severas leis sobre o uso capitalista do meio ambiente.
- d) os povos indígenas do Cerrado e os polos econômicos representados pelas elites industriais paulistas.
- e) o campo e a cidade no Cerrado, que faz com que as terras indígenas dali sejam alvo de invasões urbanas.

2 (Vestibular indígena UNICAMP 2019) “A floresta no chão tem mais valor” é um argumento utilizado por muitos ambientalistas para convencer as pessoas de que manter as florestas em pé é vantajoso para o país. Considere esse argumento e observe o cartum a seguir.



O personagem do cartum:

- a) deve ser um ambientalista, pois concorda que a floresta deve ser preservada.
- b) resolveu se juntar à causa dos ambientalistas para garantir que vai continuar tendo lucro.

- c) deu outro sentido para a frase; para ele, “floresta no chão” significa “floresta derrubada”.
- d) é um madeireiro que, diferentemente da maioria dos madeireiros, dá valor à preservação das florestas.

6. A TRILHA É SUA: COLOQUE A MÃO NA MASSA

Que tal usar as mídias sociais para potencializar as vozes que transformam o mundo? No Brasil temos pessoas indígenas de várias etnias trabalhando nas mais diversas áreas (produção de conteúdo, política, jornalismo, universidades, ciências...). Cabe a você agora pesquisar o perfil de uma destas pessoas que impactam positivamente no fortalecimento e resistência de suas culturas, e criar um mosaico que resuma os principais fatos e eventos de sua história de vida. Em poucas palavras e ilustrando como achar melhor, detalhe sua etnia, naturalidade, línguas faladas, formação profissional, parentescos, organizações em que atua e até mesmo inclua *links* para seus trabalhos. Você pode criar seu mosaico em uma folha de papel ou virtualmente com as ferramentas que tiver acesso. Vamos lá?

7. A TRILHA DA MINHA VIDA

Já falamos um pouco sobre a APIB (Articulação dos povos indígenas do Brasil), se lembra? Certo, sua missão agora é a seguinte: imagine que você está trabalhando junto à essa organização para pensar em soluções que diminuam ou acabem com os problemas ambientais de maior impacto nas florestas e nos modos de vida indígenas locais. Você deve redigir uma proposta a ser apresentada ao governo federal que apresente com clareza qual o problema, porque isto é grave e como pode ser solucionado, de modo a garantir os direitos dos indígenas com os quais você está trabalhando. Mantenha sua mensagem direta e lembre-se de citar a importância da APIB para sua luta! Bom trabalho!

8. PROPOSTA DE INTERVENÇÃO SOCIAL

Muitos saberes e práticas ancestrais vivem através das gerações mais velhas, como nossos avôs e avós. Os diversos usos de ervas para cura, a construção de ferramentas de madeira, a fabricação de artesanatos. Até mesmo na nossa linguagem reproduzimos várias palavras de origem indígena, como por exemplo 'carioca', 'paraíba' e 'tocaia'. Pergunte às pessoas da sua família se elas têm algum conhecimento, histórias e tradições que foram passadas a elas e que talvez possam vir diretamente das culturas indígenas de nosso país. Registre-as e faça uma pesquisa sobre seus significados se necessário. Depois compartilhe com quem está a sua volta seus novos aprendizados!

9. AUTOAVALIAÇÃO

Avançamos muito em nossa descoberta por novos saberes, não acha? E agora é seu momento de refletir sobre o ponto em que estamos. Você considera que incorporou ideias novas nesse processo? Ainda ficaram questões para se resolver? Escreva em seu **diário de bordo** suas impressões até aqui e o que você imagina que virá a seguir! Seguimos juntos e até a próxima! Se cuide, sempre!





1. PONTO DE ENCONTRO

Olá, trilheiro/a seja bem-vindo/a! Espero que você, sua família e amigos estejam bem, e que todos tenham tido a oportunidade de terem sido vacinados. Estamos já na caminhada final de nossa caminhada, e nesse momento vamos conhecer um pouco dos **impactos ambientais e o modo de vida das comunidades quilombolas**. Você já entendeu que caminhar nas trilhas do conhecimento exige curiosidade, vontade de aprender e isso não pode acabar nunca. Vamos! Hora de conferir a bagagem e nos certificarmos que não esquecemos nada. **Diário de bordo!** Caneta nas mãos. Tudo ok! Vamos lá!

Dica: É importante construir um mapa mental para fixar conhecimento.

2. BOTANDO O PÉ NA ESTRADA

O percurso dessa trilha será instigante, nela discutiremos sobre impactos ambientais e o modo de vida das comunidades quilombolas. As comunidades quilombolas, em geral, fazem parte das comunidades tradicionais.

Diz aí, o que você entende por comunidades tradicionais? Qual a origem dessas comunidades no Brasil? Qual o significado dessas comunidades para o modelo de desenvolvimento existente? Te adianto, se você ainda não sabe, trata-se de um tema que envolve conflitos sociais, questões econômicas, judiciais.

Para início de conversa vamos lembrar que a Sociologia entende que o meio ambiente é formado pelo ser humano na relação com o meio vegetal,

mineral, animais não humanos, considerando as diversidades culturais e a maneira empregada para atender as necessidades dos indivíduos. Você pode esperar que terá muitas anotações para fazer em seu diário. No trajeto da trilha não deixe de dar sugestões. E, é claro, faremos tudo juntos(as).

3. LENDO AS PAISAGENS DA TRILHA

Observe as imagens (Figuras 1, 2, 3 e 4) e comente sobre as comunidades quilombolas e o meio ambiente.

Figura 1



Disponível em: <https://cpisp.org.br/ha-30-anos-constituicao-reconhecia-os-direitos-quilombolas/> Acesso em: 22 jan. 2021

Figura 2



Disponível em: <https://criativosdaescola.com.br/historia/quilombolas-de-cachoeira-ba-criam-jornal-sobre-as-proprias-historias/> Acesso em: 22 jan. 2021.

Figura 3



Disponível em: <http://www.luizmc.blogspot.com/2015/06/matias-cardoso-comunidades-quilombolas.html> Acesso em: 22 jan. 2021.

4. EXPLORANDO A TRILHA

O modo de vida e a existência das comunidades quilombolas dependem do equilíbrio com o meio ambiente. Entretanto, as suas terras são palco de disputas e conflitos entre os quilombolas, movimentos sociais, organizações não governamentais e do outro lado grileiros, latifundiários e o modelo de desenvolvimento capitalista. Será que você entende o motivo? Para que você compreenda melhor os impactos ambientais no modo de vida das comunidades quilombolas, observe a conjuntura em que todo o contexto acontece.

Se prepare! Nessa trilha falaremos sobre leis e decretos e é importante que anote tudo no seu **diário de bordo!** Vamos lá!

Certamente você já deve ter ouvido falar que as comunidades quilombolas são resultantes de fugas de pessoas negras escravizadas que procuravam o isolamento no período da escravatura no Brasil. Pois bem! Este é o entendimento jurídico do colonialismo fundamentado na historiografia tradicional, que defende a ideia de que os quilombos não existem mais. Segundo essa visão, os membros dos quilombos foram dizimados pelas forças coloniais e os “escravos fugidos”, foram mortos ou devolvidos aos seus proprietários.

Mas o fato é que essa forma de interpretar a história omite: como os negros se organizaram territorialmente; para onde foram após a abolição; a existência até atualidade de grupos rurais predominantemente formados por negros descendentes diretos de pessoas escravizadas; a história da origem e formação desses grupos. Eu te pergunto, a quem interessa essa visão tradicional? Esse é o ponto principal da questão que envolve os conflitos territoriais existentes. Afinal, a quem pertencem as terras ocupadas por gerações de descendentes de quilombolas e que direito estas pessoas têm sobre elas? Vou te dar uma dica! Só podemos responder a essas perguntas se refletirmos sobre o que a sociedade oferece para esses grupos e qual a relação que é estabelecida entre as comunidades tradicionais e o modelo de desenvolvimento capitalista. Acompanhe essa linha de pensamento! Embora para aspectos jurídicos os quilombos entendidos tradicionalmente fossem considerados inexistentes, as comunidades rurais de pessoas negras descendentes diretas de ex escravizados não deixaram de existir. Pois é... e diferente da concepção de uma única maneira para formação desses grupos, estudos antropológicos mostram que foram constituídas de variadas maneiras.

Disponível em: <https://www.socioambiental.org/pt-br/noticias-socioambientais/conhecimento-agricola-quilombola-fica-mais-perto-de-virar-patrimonio-imaterial-brasileiro> Acesso em: 22 jan. 2021



Para a antropologia as comunidades quilombolas se organizaram através de terras conquistadas, adquiridas por doação, obtidas como pagamentos

por prestação de serviços a particulares e ao Estado, compradas, ou por ocupação de áreas pertencentes ao Estado. Enfim, por meios diferentes, estas pessoas conseguiram permanecer em seus territórios de origem. Entretanto, não apenas pelo uso coletivo que fazem da terra, mas também pelas dificuldades materiais e imateriais – como os recursos financeiros, inexistência de políticas públicas e desinformação – as comunidades negras não se deram conta que precisavam legalizá-las. Pois bem, você percebe que é nesse ponto em que se constitui a razão para conflitos com grilagens e especulação das terras quilombolas? Acho que agora você entendeu, não foi?

A JORNADA PELOS DIREITOS LEGAIS PELA TERRA – É fato que a participação dos movimentos sociais em defesa dos quilombolas foi fundamental para garantir força política antes da constituição de 1988, e após a constituição, para que houvesse a criação de decretos. Em 1988, a Constituição Federal no artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT), reconheceu o direito à propriedade das terras e provocou a ressignificação do conceito de comunidade quilombola. Na constituição, as comunidades quilombolas são denominadas como Remanescentes das comunidades dos quilombos. Tem muita discussão sobre esse termo e depois você pode pesquisar.

O artigo 68 do ADCT é um marco para a mudança de entendimento legal sobre as terras das comunidades quilombolas. Determina o artigo 68 que “Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos”.

A partir daí vários decretos foram criados para fazer cumprir o Art. 68. Em 2001, o Decreto 3912/01. “Art. 1º Compete à Fundação Cultural Palmares – FCP identificação dos remanescentes das comunidades dos quilombos e certificar as terras por eles ocupadas. Em 2003, o Decreto 4887/03 regimenta a delimitação, regulamentação, identificação, demarcação e titulação das terras ocupadas pelos quilombolas. Em 2007, o Decreto 6040, define os povos e comunidades tradicionais como grupos culturalmente diferenciados, possuidores de formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando

conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos por tradição. Como você pode ter notado os decretos são recentes.

Infelizmente, aquela mentalidade tradicional criada no passado assombra o presente, e influencia os governos com visões ultrapassadas de gestão ambiental, os quais resistem em mudar posturas, o que torna a lei ineficaz.

COMUNIDADE TRADICIONAIS E PRESERVAÇÃO DO MEIO AMBIENTE – É comum que territórios quilombolas e territórios florestais considerados prioritários sejam os mesmos, mas a maneira como as comunidades tradicionais lidam com a terra para criar, plantar, caçar e coletar para a sobrevivência, coexistem com a preservação do meio ambiente e evitam o desmatamento. Observe o que diz Silva sobre a relação entre as populações tradicionais e o meio ambiente.

“Sistemas naturais brasileiros, sobretudo dos remanescentes florestais atlânticos são também territórios de populações tradicionais quilombolas, caiçaras, ribeirinhos, seringueiros, para as quais, em geral, a conservação da natureza é a garantia de sua estabilidade econômica, social e cultural.” (SILVA, Simone Rezende da. COMUNIDADES QUILOMBOLAS E A POLÍTICA AMBIENTAL E TERRITORIAL NA MATA ATLÂNTICA).

Disponível em: http://www.geomorfologia.ufv.br/simposio/simposio/trabalhos/trabalhos_completos/eixo5/023.pdf Acesso em: 31 jan. 2021.



O campo de disputas territoriais com as comunidades tradicionais se estabelece porque as comunidades tradicionais dependem da conservação do meio ambiente para sobreviverem, e por isso a conservam. Mas por outro lado, a maneira harmoniosa e equilibrada que procuram manter com o meio ambiente representa uma contradição para a propriedade capitalista da terra que não aceita formatos de propriedade diferente. Você percebe por que ocorrem os conflitos? Pois bem! Saiba que não há impedimento legal para que concessão por parte do Governo Federal seja feita a empresas privadas, mas é importante medir os ganhos e as perdas para o meio ambiente e as comunidades tradicionais, afinal o equilíbrio com a Natureza precisa é essencial para a vida humana. Os dilemas territoriais ocorrem quando as terras onde vivem as comunidades quilombolas são de interesses de especulação imobiliária e outros interesses econômicos. Em

geral empresas se interessam pelas terras para uso agropecuário, a mineração, projetos energéticos, com a construção de barragens, bases para fixação de energia eólica, torres para eletrificação ou passagem de ferrovias; essas atividades, dentre outras, de interesse mercadológico e colocam em risco a existência do modo de vida destas comunidades. Nesses casos é importante a atenção da lei para um tratamento social e ambiental adequado. É comum vermos na mídia e registrado em documentos que quando as terras são de interesse mercadológico, uma estratégia utilizada é a invasão das terras por grileiros, que agem com objetivo de expulsar as comunidades tradicionais através de violência, violando o reconhecimento da condição de quilombola. Nesse sentido, os impactos ambientais sobre o modo de vida das comunidades quilombolas passam a ser profundos e irreparáveis.

Apesar da Fundação Cultural Palmares (FCP) identificar e de certificar as comunidades quilombolas, ainda não se sabe quantas comunidades existem no Brasil. O censo de 2020 foi adiado e teremos que aguardar o próximo censo para saber. No contexto atual de pandemia da COVID-19, o IBGE, fez uma estimativa para o planejamento da vacinação, para 5.972 territórios de comunidades quilombolas distribuídas em 1.672 municípios brasileiros. Segundo a Fundação Cultural Palmares dos territórios existentes 3.300 estão certificados.

Fonte: RODRIGUES, Adilma de Jesus. SEC/BA, 2021.

5. RESOLVENDO OS DESAFIOS DA TRILHA

O Ibama suspendeu o licenciamento da Usina Hidrelétrica de São Luiz do Tapajós, no Pará, a maior hidrelétrica em projeto do país. A decisão foi tomada pela presidente do órgão, Marilene Ramos, nesta terça-feira (19 de abril), e informada à Eletrobrás, responsável pelo licenciamento que foi iniciado em 2009.

Fonte: Folha de São Paulo, 20.04.2016 (Texto Adaptado).

1 A decisão teve como base

a) a falta de estudos relacionados ao potencial energético da usina, pois a falta de chuvas reduziu significativamente a vazão do rio e a possibilidade de gerar energia.

b) o impacto ambiental que seria causado pela construção da usina, já que ela colocaria em risco um número grande de espécies vegetais e animais do bioma do cerrado.

c) a manifestação de inúmeras comunidades quilombolas que reivindicam a escritura de posse das terras em que vivem hoje e em que viveram os seus antepassados.

d) a inviabilidade do projeto sob a ótica do componente indígena, pois o alagamento gerado pela usina alcançaria terras em que vivem descendentes dos povos nativos.

e) o envolvimento das empreiteiras responsáveis pela obra com outros grandes acidentes ambientais, tais como vazamentos de petróleo e despejo inadequado de materiais tóxicos. Parte superior do formulário.

6. A TRILHA É SUA: COLOQUE A MÃO NA MASSA

Estimule o artista que há dentro de você! Escolha uma forma de manifestação artística para representar o tema da nossa trilha: **“Os impactos ambientais sobre o modo de vida das comunidades quilombolas”**.

7. A TRILHA DA MINHA VIDA

Aprofunde os seus conhecimentos e treine sua argumentação observando na prática do seu cotidiano. Pesquise sobre pelo menos três localidades onde existam comunidades remanescentes de quilombo na Bahia e verifique se existem impactos no meio ambiente. Anote os fatores e os efeitos sobre a

vida das pessoas. Após coletar as informações, compare com as questões da trilha, escreva uma letra de música, e compartilhem com os colegas.

8. PROPOSTA DE INTERVENÇÃO SOCIAL

Você deverá pensar em uma proposta de intervenção na escola ou em sua comunidade com o objetivo de identificar em sua localidade se existem comunidades que se autodenominam como quilombola. Pode começar com a organização de um debate com colegas, mas que o produto do debate seja uma postagem nas redes sociais, um cordel, um rap, um jogral ou qualquer outra forma de comunicação criativa.

9. AUTOAVALIAÇÃO

Agora avalie como foi o seu percurso na trilha. É hora de você voltar a atenção para o seu **diário de bordo**. Percebeu quantas perguntas foram feitas durante o percurso? Tente respondê-las. Reveja tudo o que anotou. As observações que fez irão lhe ajudar a construir um resumo.

Lembre-se que ter conhecimento é a melhor forma para você se ajudar e mudar o rumo de sua própria história. Tudo de bom para você!





1. PONTO DE ENCONTRO

Estamos de volta para a última etapa da nossa caminhada, consegue acreditar? Exploramos tanto sobre nós, os outros e o nosso meio, e hoje vamos trilhar **um meio para todos**. A Sociologia pode nos auxiliar a interpretar as questões de nossas vidas que nos causam dúvidas, curiosidade e até mesmo revolta. Esperamos que você tenha crescido nessa caminhada, e acreditamos que agora você é capaz de participar ativamente das decisões da sua comunidade com um senso crítico apurado e muita consciência social!

2. BOTANDO O PÉ NA ESTRADA

Bom, para recapitular: até aqui observamos com mais atenção todo esse meio que nos rodeia, seja ele 'natural' ou criado por intervenções humanas. O espaço construído ao nosso entorno, suas características e nossas responsabilidades para mantê-lo através das gerações. Vimos também o papel do Estado na manutenção e perpetuação dos recursos e ecossistemas, os órgãos que atuam na fiscalização destas medidas e o grande impacto que a expansão de nosso sistema produtivo tem causado sobre o modo de vida de povos como as diversas etnias indígenas e comunidades quilombolas do país.

3. LENDO AS PAISAGENS DA TRILHA

Agora observe com atenção estas imagens (Figuras 1, 2, 3 e 4):

Figura 1



Disponível em: <https://www.forquilha.sc.gov.br/cms/pagina/ver/codMapaItem/128369> Acesso em: 31 jan. 2021.

Figura 2



Disponível em: <https://marsemfim.com.br/praias-lixo-virada-de-ano-educacao-vai-muito-mal/> Acesso em: 31 jan. 2021.

Figura 3



Disponível em: <https://agenciauva.net/2019/10/23/veganistas-o-que-sao-como-vivem-e-o-que-comem/> Acesso em: 31 jan. 2021.

Figura 4



Disponível em: <https://bemblogado.com.br/site/onda-global-pelo-clima-chega-ao-brasil/protesto-meio-ambiente-jovens/> Acesso em: 31 jan. 2021

4. EXPLORANDO A TRILHA

Como podemos relacionar as mensagens contidas nas imagens (Figuras 1, 2, 3 e 4)? Você consegue resumir em poucas palavras o tema central de que elas tratam e como se conectam entre si? É fundamental que novas gerações, como vocês, se informem a todos os instantes sobre as decisões, mudanças e impasses que passam pela transformação deste nosso planeta. Afinal, até onde os astrônomos chegaram por enquanto, só há este globo para toda nossa espécie habitar, não é mesmo? Mas, atenção, nós humanos temos esse hábito de esquecer que não estamos sozinhos por aqui. Na verdade, representamos somente uma das inúmeras espécies e

elementos que compõem todo o meio ambiente terrestre. Essa tendência antropocêntrica tende a trazer consequências por muitas vezes irreversíveis no rumo de nossa sociedade, pense comigo:

Nós enquanto seres temos desejos, impulsos e ações que modificam a 'natureza'. O sistema econômico no qual nos encontramos atualmente (o capitalismo) se sustenta na produção incansável e exponencialmente crescente de mercadorias, as quais circulam e são vendidas para nós através da publicidade antes mesmo de tocá-las. Avançamos muito em termos de tecnologias e métodos mais eficientes para produzir mais itens, para mais pessoas, com menos recursos. No entanto, o foco no lucro cada vez maior faz com que empresas tenham que sempre inovar e nos convencer que seus itens são essenciais, por mais que não sejam. Por exemplo, a mesma indústria que fabrica o pão tão importante que comemos de manhã também produz um leque de biscoitos, balas, chicletes e alimentos sintéticos que, por mais deliciosos que sejam, não são indispensáveis à sobrevivência humana e colocam em debate o que conhecemos por soberania alimentar. Isso diz respeito à possibilidade dos grupos em escolher, combinar e criar dietas baseadas em suas culturas, mas que também ofereçam um potencial nutricional significativo e que não favoreça a diminuição da expectativa de vida dos mesmos por doenças crônicas como diabetes e hipertensão. Sendo assim, através de uma avalanche publicitária tendemos a desejar a mais nova mercadoria que vimos na tevê ou na internet, sem muitas vezes saber ao certo para que precisamos dela.

Esse ritmo intenso de produção vem exigindo cada vez mais da delicada disponibilidade de recursos que nosso planeta tem a oferecer. Nem tudo que precisamos para produzir, por exemplo, mais carros, celulares e roupas estará disponível para nós daqui a algumas décadas. Isso porque existem aqueles recursos que chamamos de renováveis e outros não renováveis, como o petróleo que demorou milhares de anos para ser produzido. Isso sem falar nos impactos diretos que a extração desses recursos causa em áreas específicas, como oceanos e florestas densas, além dos altos índices de poluição que derivam do seu consumo. Só para termos uma noção, pela primeira vez, as emissões de carbono provenientes de combustíveis fósseis atingiram 10 giga toneladas por ano em 2018, mais que o dobro do nível na



década de 1970. O uso de petróleo também continua a aumentar globalmente, a uma média de 1,9% ao ano na última década. Cerca de metade do petróleo é usada no transporte terrestre.

Disponível em: <https://wribrasil.org.br/pt/blog/2019/12/emiss%C3%B5es-de-co2-chegam-novo-recorde-em-2019-6-fatos-sobre-os-ultimos-dados-climaticos#:~:text=Mais%20um%20ano%20de%20aumento,n%C3%ADvel%20na%20d%C3%A9cada%20de%201970>. Acesso em: 31 jan. 2021 (Adaptado).

O plástico, subproduto do petróleo, é utilizado massivamente em grande parte dos itens que adquirimos por um preço baixo nos comércios e que tem pouca durabilidade comparado ao vidro e metal, por exemplo. Muitas mercadorias hoje em dia são feitas para durarem pouco (fenômeno conhecido como obsolescência programada) que leva nós consumidores a querer trocar itens antigos por novos em um ritmo cada vez mais rápido. Porém é também o plástico um dos materiais de mais longa decomposição na natureza, um dos principais poluidores de águas doces e salgadas e pouco aproveitado em seu potencial de reciclagem. Outras alternativas biodegradáveis vindas de fontes renováveis estão sendo pesquisadas por cientistas no mundo todo, mas ainda não conseguem competir com o uso intensivo do plástico pela indústria.

Até mesmo os alimentos, tão essenciais a todos nós para sobrevivência, vêm sendo produzidos em larga escala de modo a reduzir seu custo de produção e vender mais. Com isso, o manejo equilibrado da terra que leva em conta a reposição dos nutrientes básicos de um solo orgânico bem adubado, a plantação de culturas variadas para uma variedade de produtos que diversifiquem a dieta e, sobretudo, as relações justas de trabalho e uso da terra sem exploração humana e ambiental vão sendo substituídas pela forte indústria alimentícia baseada em monoculturas transgênicas com foco na exportação de bens. Fora isso, a produção de animais para abate como o gado são responsáveis pela emissão de gases que colaboram em larga escala para o aquecimento global. Somente no Brasil o setor agropecuário emitiu 492 milhões de toneladas de gás carbônico equivalente (CO₂e) em 2018, montante que significa 25% do total das emissões do país no período

Disponível em: <https://revistagloborural.globo.com/Noticias/noticia/2019/11/globo-rural-imaflora-agropecuaria-contribui-com-25-das-emissoes-de-gases-de-efeito-estufa.html>. Acesso em: 31 jan. 2021 (Adaptado).

Como vimos, decisões que parecem insignificantes e corriqueiras, na verdade fazem parte de uma questão maior, que envolve a todos nós. Nossos hábitos e ações individuais, inseridos em um sistema econômico mais amplo, estão transformando os rumos que teremos enquanto sociedade, hoje e nas próximas décadas, mostrando também os sintomas de uma modernidade que se expandiu e se consolidou de forma exploratória e desbalanceada, em nome de um suposto progresso que acontece também de forma desigual e não inclusiva. No entanto, muitas pessoas se organizam em movimentos contemporâneos que reivindicam a mudança e trabalham na disseminação de informações relevantes e na construção do diálogo por uma sociedade que consiga decidir os próximos passos e ter esperança sem que acabemos com nossa espécie e todas as demais formas de vida do globo, ao mesmo tempo que olhamos criticamente para a forma que nos relacionamos com os produtos e seu consumo. Educadores ambientais, defensores dos rios e oceanos, comunidades indígenas, partidos políticos, ONGs para soberania alimentar, grupos veganos e ecossocialistas são alguns exemplos de formas de se organizar para causar transformação. As possibilidades são múltiplas, e não há somente um caminho correto, sendo o mais importante a abertura para uma coexistência justa, a valorização do embasamento científico e o planejamento para as gerações que virão. Então me diga, onde você se encaixa nessa história?

Fonte: ALVARENGA, Otávio Silva. SEC/BA, 2021.

5. RESOLVENDO OS DESAFIOS DA TRILHA

1 (ENEM 2009) No presente, observa-se crescente atenção aos efeitos da atividade humana, em diferentes áreas, sobre o meio ambiente, sendo constante, nos fóruns internacionais e nas instâncias nacionais, a referência à sustentabilidade como princípio orientador de ações e propostas que deles emanam. A **sustentabilidade** explica-se pela:

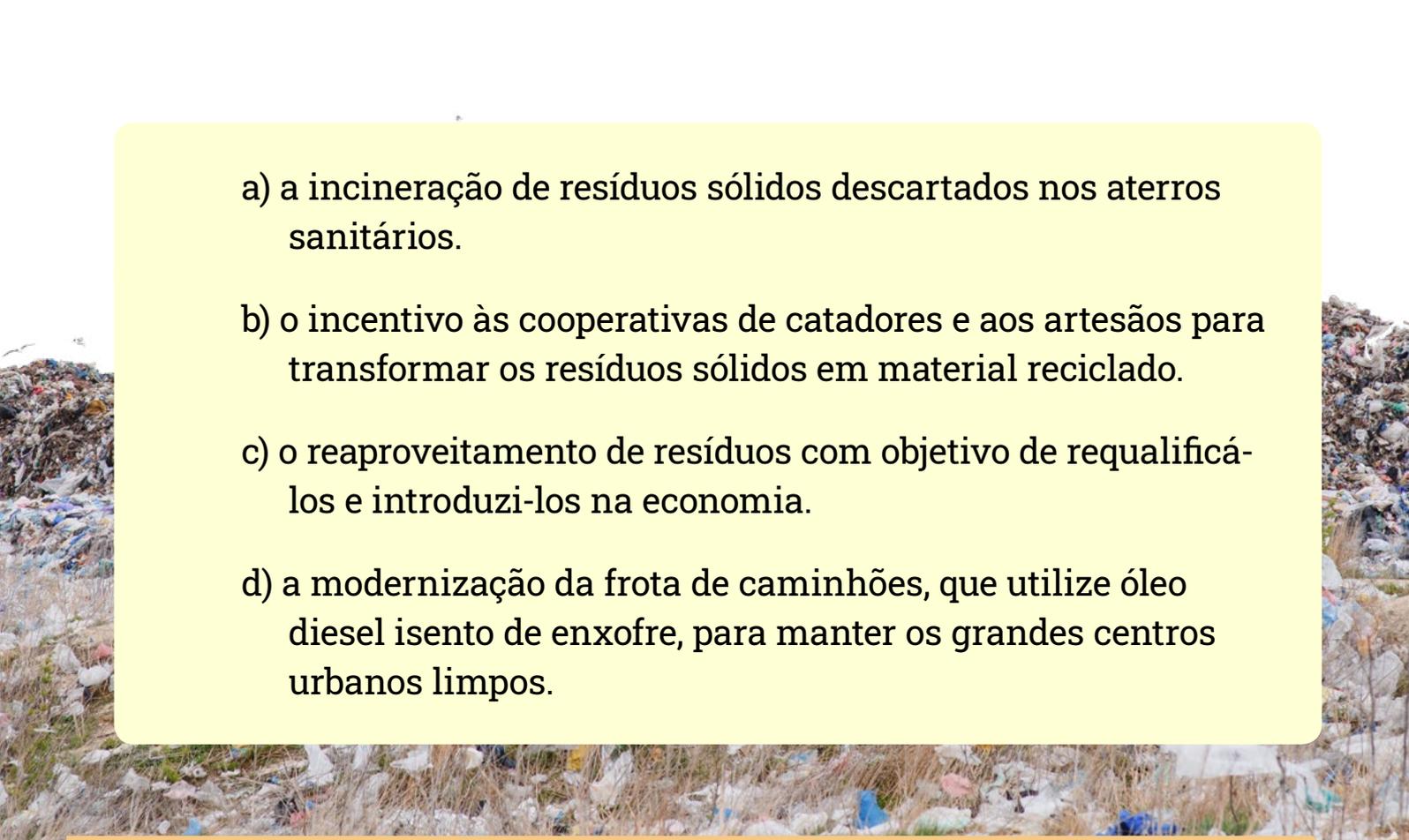
- a) incapacidade de se manter uma atividade econômica ao longo do tempo sem causar danos ao meio ambiente.

- b) incompatibilidade entre crescimento econômico acelerado e preservação de recursos naturais e de fontes não renováveis de energia.
- c) interação de todas as dimensões do bem-estar humano com o crescimento econômico, sem a preocupação com a conservação dos recursos naturais que estiveram presente desde a Antiguidade.
- d) necessidade de se satisfazer as demandas atuais colocadas pelo desenvolvimento sem comprometer a capacidade das gerações futuras atenderem suas próprias necessidades nos campos econômico, social e ambiental.

2 (UEFS) Em Salvador e na região metropolitana, são descartados, por ano, cerca de dois milhões de toneladas de resíduos sólidos. Se não forem tomadas providências, em pouco tempo, os aterros sanitários não serão suficientes para manter tanto lixo. Considerando-se a problemática do lixo das grandes regiões metropolitanas do país, entre as soluções corretas para reduzir o acúmulo desse material nos aterros sanitários, pode-se incluir:



Disponível em <http://engenhariacivilemeioambiente.blogspot.com.br/>

- 
- a) a incineração de resíduos sólidos descartados nos aterros sanitários.
 - b) o incentivo às cooperativas de catadores e aos artesãos para transformar os resíduos sólidos em material reciclado.
 - c) o reaproveitamento de resíduos com objetivo de requalificá-los e introduzi-los na economia.
 - d) a modernização da frota de caminhões, que utilize óleo diesel isento de enxofre, para manter os grandes centros urbanos limpos.

6. A TRILHA É SUA: COLOQUE A MÃO NA MASSA

Como vimos anteriormente, muitos comportamentos do dia a dia que parecem individuais têm um impacto significativo sobre nossa vida coletiva. A questão ambiental é algo que envolve a todos nós, se tratando tanto de direitos que temos enquanto membros de uma sociedade democrática como de deveres enquanto sujeitos responsáveis sobre nossas ações. Pensando nisso e refletindo sobre os principais dilemas ambientais atuais que impactam sua realidade, construa um material artístico e informativo que alerte sua comunidade para os direitos e deveres que possuímos, visando construir relações mais harmoniosas com o meio e que incluam ao invés de excluir, respeitando os ecossistemas existentes. Use e abuse da sua criatividade!

7. A TRILHA DA MINHA VIDA

É hora de observar com atenção o ambiente onde você está agora. Vamos refletir sobre as mercadorias que estão ao nosso redor e que já fazem parte do cotidiano, estando naturalizadas em nossa mente. Quais são os itens que você mais utiliza nas atividades do dia a dia? Do que eles são feitos? Qual

foi a última vez que você os trocou ou descartou por um novo? Quantos desses itens são feitos de materiais recicláveis? E de fontes renováveis? Faça uma anotação atenta e compartilhe com seus colegas em sala.

8. PROPOSTA DE INTERVENÇÃO SOCIAL

O hábito de descartar resíduos em lugares inapropriados se repete em todo o país, enquanto vemos praias cobertas de lixo, motoristas que jogam resíduos pela janela de seus carros, sem falar da maioria da população que não realiza a separação para a reciclagem dentro de suas casas. Sabemos que também, muitas vezes, a mudança não é incentivada pelos órgãos públicos, falta planejamento nas cidades para acolher os novos hábitos. Pensando nisso e refletindo sobre os impactos que o lixo descartado, de maneira errada, tem sobre os espaços públicos e lugares onde habitamos, planeje um projeto de transformação para seu bairro que poderia ser apresentado na Câmara de Vereadores de sua cidade. Tente incluir a solução que você considera mais efetiva para sua realidade, e apresente depois para sua turma. Quem sabe sua ideia se concretiza e vira um projeto de lei!

9. AUTOAVALIAÇÃO

Aproveite esse momento para olhar para trás e ver o quão longe chegamos! É uma alegria imensa ter tido você nessa caminhada. Fica a certeza de que nosso trabalho não se encerra aqui, você agora tem um conhecimento sólido das ideias centrais da Sociologia e como ela dialoga diretamente com nossa vida cotidiana. Reflita agora sobre o principal aprendizado que fica depois de tantas trilhas ricas de conteúdos e questionamentos. Registre em seu **diário de bordo** como esse novo saber pode mudar sua realidade e das outras pessoas ao seu redor.

Agradeço sua dedicação e persistência, até um próximo momento!
Um forte abraço!

